

A SÍNDROME E RAQUEANO

JOSÉ BARROS MAGALDI

Assistente extra-numerário de Clínica Médica na Universidade de São Paulo, (Serviço do Prof. Almeida Prado). Encarregado de Exames médicos dos alunos da mesma Universidade.

SÍNDROME E RAQUEANO

A palavra síndrome, em português, tem sido escrita e pronunciada das mais variadas maneiras, mudando-se-lhe a cada passo o gênero, a tônica, a terminação.

As seguintes formas são muito contraditórias e foram colhidas em bons autores:

o *síndromo*, o *síndroma*, o *síndrome*;
a *síndroma*, a *síndrome*;
o *sindrômo*, o *sindrôma*, a *sindrôme*;
a *sindrôma*, a *sindrôme*.

Como quasi só os médicos usam tal palavra será fácil adotar a forma correta.

A sílaba tônica em latim ocupa somente dois lugares: a penúltima, se esta é longa, como em *regina*, ou a antepenúltima quando a penúltima é breve, como em *dóminus*.

Em grego, entretanto, dá-se o que não pode acontecer em latim, isto é, a tônica pode estar no fim da palavra, pode recair sobre a sílaba última, como por exemplo em *ποταμός*, *potamós*, o rio.

Dessa diferença decorre que a prosódia latina é insuficiente para representar a fonologia helênica. Portanto, três caminhos podiam seguir os romanos quando introduziam em sua língua uma palavra grega: ou pronunciavam-na de acordo com as regras da língua de origem, ou alteravam a sua forma, latinizando-a ou pronunciavam-na de acordo com as regras de sua própria língua.

No primeiro caso era ir contra as leis que já determinaram, no latim, que a queda da tônica fosse sempre na penúltima e antepenúltima sílabas, era abrir exceções, era ir contra a sua fonética. No segundo necessitavam de mutilar a palavra, tornando difícil a investigação de origem. O mais lógico, pois, era tomar a palavra

grega intacta e pronuncia-la pela prosódia latina, levando, é claro, em conta a quantidade das sílabas gregas. O gênero e a desinência seguiriam as declinações correspondentes.

Do latim ao português essas palavras deverão sofrer as mutações que as leis glotológicas determinam.

A palavra *συνδρομή*, *syndromè*, que quer dizer concurso, passando para o latim continuará feminino, pois o é em grego e manterá a desinência *e*. Mas será pronunciada de acordo com a fonologia latina. Não podendo continuar oxítona, por ser contra a índole da língua, o acento tônico deve recuar para a penúltima sílaba tornando-se o vocábulo paroxítono, de acordo com a lei geral. Acontece porem que a penúltima sílaba é breve por natureza, pois contem *o*. Não pode então ser a tônica. Resta a antepenúltima que é onde recai o acento quando a penúltima é breve: aqui vem recair a tônica na palavra *syndrome*. Os latinos só podiam, para ficarem dentro de sua fonologia, dizer *síndrome*, feminino.

Do latim ao português, uma vez que a passagem é direta, por via erudita, esta forma deve permanecer na grafia e na pronúncia, alterando-se, é óbvio, no que diz respeito à ortografia moderna.

O fato de existir a palavra *pródromo*, masculino, tem levado alguns autores a dizerem, por analogia, o *síndromo*. Mas não ha razão suficiente. *Pródromo*, do grego *πρόδρομος* (de *πρόδ*, na frente, adiante e *δρομος* carreira, corrida) já é originariamente masculino e tem a terminação *ος* que dará em português *o*.

Por outro lado por haver na nossa língua vários vocábulos em *ôma*, de *ωμα*, *ωματος*, houve tendência, por parte dos eruditos, em desvirtuar a forma da palavra que a etimologia está mostrando ser a *síndrome*, ou quando muito, como acentua Ramiz Galvão, a *síndroma*.

* * *

De *ραχίς, εως*, o português forma, do nominativo, *raque* (*rhache*) e não *raquis* como se tem escrito e pronunciado, pois a observação mostra que os nomes gregos em *ις* terminam na língua nossa em *e*, como *μυσοτις*, *miosote*, *νεκρός + πόλις* *necrópole*, etc.

Por outro lado o adjetivo quasi sempre usado é *raquidiano*.

Ora, não ha razão, tirante o desejo absurdo de copiar o francês *rachidien*, por sua vez errado, de introduzir na língua médica portuguesa uma forma que se não fundamenta na forma grega. De feito, só a existência de um genitivo em *ιδος* justificaria a introdução do *d* no vocábulo. Mas esse genitivo não existe. Aqui êle é, como já se viu, em *εως*. Assim pois, em português, só se pode, de *raque*, formar *raqueano*, nunca *raquidiano*. A não ser que se deseje usar o adjetivo *raquieu*, corretamente derivado de *ρακιάιος*, só é aconselhavel a forma *raqueano* como adjetivo correspondente a *raque*.